Comentários

CFP E O ABASTECIMENTO DO MERCADO INTERNO.

No mercado interno, as freqüentes desovas da CFP — espera-se a liberação de mais 350 mil t ainda em janeiro — têm abastecido o mercado do Centro-Sul, à exceção dos produtores (notadamente os pequenos) que não têm condições de acesso aos trâmites da liberação do milho e daqueles com pequena margem de estoque. Estes são obrigados a efetuar compras fora do regime da CFP, razão pela qual os preços no mercado paralelo situam-se num patamar bem acima ao dos estoques oficiais.

REMANESCENTE DE SAFRA E EXPORTAÇÃO.

Do milho remanescente da safra 76/77, deverá restar — até março — reserva de 200-300 mil t em mãos da CFP. Por sua vez, o setor de exportação efetuou, no ano de 1977, venda de 1,3 milhão de t, 300 mil t das quais eram provenientes da safra 75/76.

DEMANDA MAIOR E OFERTA MENOR EM 77/78.

Para a safra 77/78, as expectativas não são alentadoras, tanto em termos de exportação como de abastecimento interno, pois as primeiras previsões apontam um crescimento da demanda por milho (em função da expansão das explorações avícolas e suinícolas, principalmente) algo inferior a 10%. Por outro lado, previsões de quebras e redução de área apontam diminuição da safra comercializável (fora os 55%, em média, consumidos na propriedade) de cerca de 1 milhão de t.

A se confirmarem estes prognósticos, 1978 será um ano de grande disponibilidade internacional de grãos, aliada ao crescimento da produção de carne de pequenos animais, enquanto o mercado interno deverá mostrar novos sintomas de estrangulamento, comprometendo a política de exportação de milho e de carnes, num ano em que se prevê, também, o recrudescimento das dificuldades de abastecimento de carne bovina.

TEXTEIS

EXCEDENTE POTENCIAL DE SINTÉTICOS NO MUNDO.

Após os anos de recessão e a crise de energia, o preço das fibras sintéticas (não celulósicas) subiram, incentivando o aumento da produção mundial, que, em 1976, alcançou 18.953 milhões lb-peso (17% a mais que no ano precedente). Entretanto, em alguns dos principais países produtores — o Japão e os países da Europa — o consumo não acompanhou a produção.

ACIRRADA CONCORRÊNCIA DOS BAIXOS PREÇOS DO ALGODÃO.

Este fato, aliado à queda no preço do algodão, principal fibra natural substituta da matéria-prima manufaturada — depreciou as cotações destas últimas colocando-as bastante próximas às do algodão. Hoje, os preços das fibras sintéticas estão praticamente estacionários com cotações superiores às do algodão em cerca de 2 a 6 cents/lb.

A PROPAGANDA TEM AJUDADO O CONSUMO DE FIBRAS NATURAIS.

Poder-se-ia pensar que a trajetória descendente do preço dos sintéticos servisse de estímulo ao seu maior consumo. Mas o efeito substituição tem sido neutralizado pelo efeito propaganda. Sendo o setor de fibras sintéticas de estrutura oligopolista, este poderia se utilizar da divulgação de seu produto como forma de aumentar o consumo. Não obstante, a propaganda "natural look" tem forçado o maior consumo das fibras naturais, mormente a do algodão, em relação ao das fibras sintéticas.

Comentários

ELEVAR O PREÇO DOS SINTÉTICOS TERIA BENEFÍCIO DUVIDOSO.

Tanto é assim que, oito indústrias japonesas de fibras não-celulósicas se uniram em quatro grupos para combater a recessão do setor através da redução de produção. Mais recentemente, algumas empresas têm se mostrado inclinadas a aumentar o preço do nylon e do poliester numa tentativa de recuperar a rentabilidade da sua divisão de fibras, cuja taxa anda bastante baixa. A pergunta que se coloca é a seguinte: Seria esta uma boa política? Desde que a fabricação de um tecido misto (algodão/poliester por exemplo) não possa prescindir da fibra sintética, espera-se que nesta faixa de mercado, os produtores possam majorar moderadamente seus preços, sem perigo de provocar uma redução ainda maior na receita total do setor. Mas este não seria mais do que instrumento paliativo. Apenas a redução da oferta de algodão ou um significativo reaquecimento da economia mundial poderá trazer ânimo novo aos industriais de sintéticos.

TRIGO

PESADO ÔNUS DAS FUTURAS IMPORTAÇÕES.

A frustração da safra de 1977 levará o país a um gasto de mais de US$ 500 milhões com importações do cereal no corrente ano, tendo motivado diversas sugestões no sentido de se diminuir este ônus através da redução do consumo de trigo.

RÁPIDO CRESCIMENTO DA DEMANDA POR DERIVADOS DO TRIGO.

A explicação para o rápido crescimento do consumo de trigo no Brasil pode ser encontrada no barateamento relativo dos produtos à base de trigo, propiciado pelo subsídio governamental e à crescente população urbana brasileira, cuja elevada taxa de expansão é, por si só, elemento de pressão sobre a demanda por derivados do trigo.

PROPOSTAS DE ESTANCAMENTO DA DEMANDA.

Retirada do arsenal de medidas já propostas para o estancamento da demanda interna do cereal, voltou à tona a resolução do Conselho de Desenvolvimento Econômico, de 1975, que estabeleceu a adição de 5% de farinha de soja à farinha de trigo. Outra hipótese seria a retirada gradual do pesado subsídio dado pelo governo. No segundo caso, a proposição envolveria um alto custo social, devendo merecer todo o cuidado das autoridades econômicas do país.

A SOJA COMO ALTERNATIVA.

Quanto à primeira proposta de solução, alguns dos obstáculos à composição heterogênea da farinha de trigo são conhecidos e levaram ao fracasso tentativas anteriores, propugnadoras da adição de outras farinhas. A utilização da farinha de soja geraria um mercado para o beneficiamento de, pelo menos, 200.000 t de farelo. O nosso parque industrial deveria estar devidamente aparelhado para esta fabricação. O maior impecilho resulta de ser a soja um produto de cotação mais elevada do que o trigo, levando ao impasse de se ter de subsidiar seu uso na mistura com o cereal. Transpostos, hipoteticamente, estes obstáculos, haveria ainda que considerar a receptividade do produto final junto aos consumidores.

ONDE ESTÃO OS PRINCIPAIS ENTRAVES DO SETOR.

Os entraves da triticultura brasileira, porém, não se localizam do lado da demanda e, sim, principalmente, da oferta. É neste campo que se chocam os pontos de vista dos defensores da auto-suficiência com os apologistas do abandono da auto-sustentação.